

Uma aliança de opostos para estancar o futuro

LUIZ CARLOS LISBOA

O País está descobrindo com espanto o próprio rosto, no espelho polido da Assembléia Nacional Constituinte. É difícil aplicar ao Brasil o que Francis Bacon disse um dia sobre a relação inevitável de conhecimento e poder. A emoção, a insegurança e as conveniências pessoais contam mais, entre nós, do que a informação e o conhecimento. A atual Constituinte é representativa do povo brasileiro no que se refere ao seu perfil, não no que diz respeito aos interesses da Nação, os reais e os imediatos. A sessão da noite de quinta-feira, em que foram nacionalizadas na futura Carta a pesquisa e a lavra de recursos e jazidas minerais em território nacional, mostrou mais da nossa verdade coletiva que todos os estudos antropológicos, sociológicos e comportamentais jamais escritos por aqui. As superstições do nacionalismo estão vivas e acesas em muitos de nós, e substituem com notável eficácia a preservação lúcida das próprias riquezas que todos os países do mundo praticam. Onde a afetividade e a emoção substituem a informação e o conhecimento, o poder é exercido afetiva e emocionalmente, com todas as consequências que isso pode acarretar, e que nós vamos colher em breve.

Na quinta-feira, cumpriram o ritual emocionado de cantar o Hino Nacional após a vitória fazendeiros e empreiteiros, admiradores do Conselho de Segurança Nacional e autores de proposta para extingui-lo, representantes de mineradores, nacionalistas românticos, defensores e inimigos mortais dos militares. A letra do Hino Nacional era alguma coisa surrealista, naquele instante, porque os intérpretes não o haviam cantado muitas vezes na vida, mas o ardor com que entoavam os acordes patrióticos era comovente (ou "arrepante", como disse o senador Passarinho). Irmãos no interesse comercial (morte aos concorrentes estrangeiros), na mais absoluta desinformação (a maioria não analisou e muitos não leram sequer as emendas), e na disciplina ideológica (a ordem é afastar o capital o estrangeiro porque é muitas vezes norte-americano, e qualquer outro porque traz prosperidade e estraga o "caldo de cultura" do descontentamento), foram votadas a definição de empresa nacional, a pesquisa e a lavra de recursos e jazidas minerais, com direito a palavras de ordem, hino e passeata.

Num mundo que se une e que mistura seus interesses, o Brasil regrida aos primários degraus do isolacionismo, e espera em breve alcançar o estágio em que estava o Japão quando foi redescoberto pelo comandante Perry. Depois, com certeza, virá um longo período de fascínio e sedução pelo resto do mundo, quando a moda estrangeira será imitada com servilismo, até que um novo surto xenófobo possa nascer das cinzas. Duas ou três gerações terão passado, e nossos minérios continuarão conosco, graças a Deus, embora provavelmente sempre sob a terra. Ser nacionalista "modelo década de 40" seria arriscar-se, em qualquer país do mundo, a entrar num museu e depois não poder mais sair, confundido

com uma das peças em exposição. Entre nós é quase normal. Por isso, a Constituinte é o que é — e, mais extraordinário, é o que somos, nossa cara, nosso caldo coletivo. A Assembléia foi eleita pela cabeça média brasileira, suponhamos: o que está aí resulta da superstição média, isto é, da visão média dos cidadãos. Não há essa história de "brasileiro não sabe votar". Nada disso. Brasileiro só pode votar como votou porque os elementos de que dispõe para avaliar o mundo estão encharcados de velhas crenças político-sociais. Deputados, senadores, governadores e constituintes não são forçados no Olimpo, mas nascem e vivem em cidades grandes e pequenas, no campo, na montanha, no litoral, exercendo todas as profissões. O que falta aos eleitores, falta aos eleitos: informação, conhecimento, independência, capacidade de fazer escolhas fundamentadas.

A "Terceira Onda" está tornando comuns os interesses das várias nacionalidades, e um dia vai abolir as fronteiras. Inseguros e petrificados no tempo, alguns homens têm horror a essa possibilidade. Outros, nem sabem que isso é possível. Os meios de comunicação têm mudado a alma das pessoas, onde é maior a informação, mas ainda não fizeram entre nós o que a força de sua verdade permite esperar dela. O jornal, com a credibilidade que passa, a TV, com sua iminente comunicação nos dois sentidos, e interesse crescente pela administração condominial de distritos, bairros e edifícios, tudo leva a ampliar consciência, conhecimento dos fatos, capacidade de opção, informação em geral. Um povo que governa a própria vida sabe como quer ser governado. A tecnologia desenvolvida no Exterior, para transformar em riqueza bens que estão sob nossos pés, será conquistada por nós, sem ajuda dos outros, com certeza, em cem anos: nesse meio tempo, os "lá de fora" já conhecerão outros processos mais econômicos, e nós continuaremos (cheios de admiração) temendo e odiando disfarçadamente esses vizinhos ricos. Faz-se a mistura de orgulho com sentimento de inferioridade.

A aliança que o Conselho de Segurança Nacional firmou com a esquerda para aprovar a nacionalização de quinta-feira passada, criou um precedente que constrangeu uma das partes e despertou vivas esperanças na outra. O futuro é promissor para os malditos de ontem, e é natural que essas pontas do espectro tenham-se, afinal, encontrado. Os primários repetem um aprendizado que não mudou desde o Império, em torno de símbolos e fatos da nacionalidade. Os segundos agem por disciplina ou mania, e seus inimigos são de fato os que ameaçam seus grandes amigos. Não é preciso muito esforço para entender sua jogada, basta ler atentamente os jornais. A defesa da "soberania nacional" é expressão feita sob encomenda para calar argumentos, secar sorrisos, proibir divergências. O nacionalismo mal-intencionado é sempre óbvio, mas conhece a força dos seus motivos evidentiíssimos, sabendo usá-la com imensa esperteza. Como na quinta-feira passada, como nos últimos 70 anos neste País.